

## RECURSOS NARRATIVOS N'OS *LUSÍADAS*<sup>1</sup>

Maria Paula Lamas

### RESUMO

N'Os *Lusíadas* Luís de Camões exalta sublimemente os feitos heróicos dos lusitanos, seguindo os modelos da Antiguidade Clássica.

Como ação principal é relatada a viagem dos portugueses à Índia, repleta de peripécias localizadas num tempo que oscila entre o passado e o porvir, através de um discurso alternadamente analético ou prolético. A narração inicia-se estrategicamente *in media res*, encontrando-se as naus lusas já no Oceano Índico. Os acontecimentos anteriores são apresentados por Vasco da Gama, a pedido do rei de Melinde, e os posteriores surgem essencialmente através da intervenção de personagens mitológicas, sob a forma de profecia. Para realçar os aspectos fulcrais, o Poeta recorre à oratória com o intuito de apelar, entusiasmar, despertar diversos sentimentos, em suma, persuadir o receptor da mensagem.

Através de um estilo nobre, repleto de recursos estilísticos, Luís de Camões combina a língua culta latinizante com a língua oral tradicional, perpetuando, de um modo ímpar, o evento culminante do Renascimento português, os Descobrimentos, e, imortalizando, assim, um Poeta, um Povo e a sua História.

**Palavras-chave:** epopéia camoniana, recursos narrativos

Na epopéia camoniana Luís de Camões exalta sublimemente os feitos heróicos dos lusitanos, seguindo os modelos da Antiguidade Clássica. Como ação principal é relatada a viagem dos portugueses à Índia, repleta de peripécias localizadas num tempo que oscila entre o passado e o futuro, através de um discurso alternadamente analético ou prolético.

Para narrar a expedição de Vasco da Gama ao Oriente, datada de finais do séc. XV, Luís de Camões recorreu, sobretudo, à *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, de Fernão Lopes de Castanheda, ao *Roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama*, atribuído a Álvaro Velho, e à *Ásia*, de João de Barros.

---

<sup>1</sup> Comunicação apresentada no III Simpósio Internacional de Narratologia, realizado em Buenos Aires, em Julho de 2004

Documentado sobre as ocorrências, o Poeta faz coincidir o número de estâncias relativas à expedição com o número de dias em que a mesma decorreu. Tal foi observado por Jorge de Sena que minuciosamente efetuou um estudo sobre a estrutura d' *Os Lusíadas*. (Sena, 1970). Para este investigador Luís de Camões pretendeu que a própria estrutura da sua obra fosse significativa, pois nada é arbitrário n' *Os Lusíadas*. A atestá-lo a presença do *número de ouro*, dado que esta epopéia, sendo uma obra de arte do Renascimento, joga com a relação ideal entre as partes e o todo, numa perfeita proporção. Jorge de Sena demonstra que, ao aplicar-se a *regra de ouro* a toda a obra, obtém-se, precisamente, o verso que coincide com a chegada dos portugueses à Índia. Uma outra aplicação do *número de ouro* às duas partes do poema, resulta, na primeira parte, a estância que relata a morte de Inês de Castro, e, na segunda, a estrofe que narra a atuação de Cupido com o objetivo de as Ninfas se apaixonarem pelos marinheiros. Esta análise leva Jorge de Sena a concluir sobre a relevância da mensagem de Amor patente em toda a epopéia.

Como renascentista, Luís de Camões segue as antigas epopéias, essencialmente a *Eneida* de Virgílio. No entanto, ao basear-se na realidade histórica, o Poeta afasta-se do seu modelo, cujas ações são *Fantásticas, fingidas, mentirosas*, (canto I, est. 11, v. 2), ao passo que ele demonstra que *A verdade (...), nua e pura, / Vence toda grandíloca escritura!* (canto V, est. 89, vv. 7-8).

Para despertar maior interesse, a narrativa inicia-se *in medias res*, dando Luís de Camões a conhecer ao leitor os acontecimentos anteriores através de Vasco da Gama, que os vai apresentar a pedido do rei de Melinde, à semelhança da *Eneida* com o relato de Enéias a Dido. Os fatos posteriores surgem, sob a forma de profecia, principalmente através da palavra de entidades divinas.

O Poeta escolhe um dos momentos fulcrais da viagem, ou seja, quando os portugueses navegam no Oceano Índico, para os deuses se reunirem no Olimpo, a fim de decidirem sobre a sorte lusa relativamente à chegada à Índia. Desde logo, fica determinado que o povo lusitano contará com a ajuda de Vênus e com a oposição de Baco. A permanente proteção de Citeréia, ao longo de toda a viagem, é também representativa da relevância do Amor, sentimento metaforicamente revelado na rota de Vasco da Gama. (Cf. Macedo, 1980:

41-42). O deus do vício vai ser oponente aos portugueses, porque os seus interesses e a sua fama se encontram ameaçados face à coragem e valentia de tal povo. Baco também remete para a falsa religião, opondo-se à Fé Cristã, que era um dos objetivos pretendidos com esta expedição ao Oriente. (Cf. Macedo, 1980: 41-42)

É estrategicamente que Luís de Camões interrompe a viagem para relatar o que em simultâneo se passa no Olimpo, pretendendo uma perfeita interligação entre os dois planos independentes, ou seja, a realidade histórica e a intervenção dos deuses. O recurso contínuo ao maravilhoso pagão serve não só para dar beleza e movimentação à ação, como para realçar o valor do povo lusitano que surge divinizado.

Verifica-se que n' *Os Lusíadas* há uma deliberada separação entre o mundo dos homens e a esfera dos deuses, sendo as intervenções das divindades pagãs apresentadas veladamente como se fossem fenômenos naturais, contrariamente ao que acontece na *Eneida*. (Cf. Matos, 1984: 351-352). Devido a este fato, Vasco da Gama considera que é a Divina Providência que o ajuda a ultrapassar os momentos difíceis, nunca atribuindo essa cooperação a Vênus, que atua numa outra órbita à qual o Ser Humano não tem acesso.

No decurso da viagem surge um contacto ilusório entre os marinheiros e o Adamastor, cuja passagem é a garantia de se alcançar o Oriente através do desvendar dos mares desconhecidos. De fato, o encontro entre o Gigante e Vasco da Gama é apenas uma visão que emerge na imaginação dos navegantes, simbolizando o respeito que o Cabo das Tormentas impunha aos homens. (Cf. SARAIVA, 1979: 27).

Do mesmo modo, o próprio encontro dos portugueses com as ninfas, na Ilha dos Amores, não desmente a intenção de o Poeta pretender separar a realidade da ficção, pois só ocorre depois da missão cumprida, denotando este contacto a perpetuação dos gloriosos feitos lusos. As aventuras amorosas entre marinheiros e deusas localizam-se propositadamente no plano do sobrenatural, em que deixa de existir a morte e as ações praticadas pelos heróis são meritariamente imortalizadas. (Cf. SARAIVA, 1979: 27).

Com o intuito de dar mais vivacidade à ação, Luís de Camões utiliza frequentemente a oratória para melhor percepção dos acontecimentos narrados, que permanecem atuais através do emprego do imperativo e do presente histórico. Diretamente o emissor da mensagem apela, estimula e tenta convencer o destinatário a tomar as atitudes pretendidas. António José Saraiva observou que, ao contrário da *Eneida* em que os discursos estão inseridos na narrativa, na epopéia camoniana, a narrativa é que aparenta estar dentro do discurso do Poeta que se desenrola entre as duas intervenções dirigidas a D. Sebastião. (Cf. Saraiva, 1979: 29).

Como prenúncio de êxito, logo no Concílio dos deuses, Júpiter faz o elogio dos portugueses, afirmando a sua valentia e considerando-os dignos de atingirem o seu objetivo. Posteriormente o pai dos deuses vai reiterar este seu juízo, profetizando grandiosos feitos para os lusitanos, quando Vênus o procura, lamentando-se da falta de atenção a que estão sujeitos os seus protegidos, estando continuamente à mercê das armadilhas de Baco:

Fermosa filha minha, não temais  
Perigo algum nos vossos Lusitanos,  
(...)  
Que eu vos prometo, filha, que vejais  
Esquecerem-se Gregos e Romanos,  
Pelos ilustres feitos que esta gente  
Há-de fazer nas partes do Oriente. (canto II, est. 44).

Devido à súplica de Vênus, Júpiter vai tomar providências, enviando Mercúrio à Terra para proporcionar uma boa recepção à gente lusa. Finalmente os portugueses vão encontrar um porto amigável, Melinde, onde se vão restabelecer para o prosseguimento da sua viagem. Aí, o rei vai solicitar a Vasco da Gama o relato da História de Portugal, que vai ser narrada pelo capitão em forma de analepse.

Durante a exposição histórica é assinalável o episódio da *formosíssima Maria*, filha de D. Afonso IV, casada com Afonso XI de Castela, que emotivamente vai solicitar o auxílio do pai:

Aquele que me deste por marido,  
Por defender sua terra amedrontada,  
(...)  
Ao duro golpe está da Maura espada.  
E, se não for contigo socorrido,  
Ver-me-ás dele e do Reino ser privada;

Viúva e triste e posta em vida escura,  
Sem marido, sem Reino e sem ventura. (canto III, est. 104).

O marido tem graves problemas, pois o seu reino está a ser invadido pelo inimigo comum. Se o rei português não se aliar ao soberano castelhano, a Península poderá correr o risco de ficar na posse dos adversários, sendo imperioso conjugar esforços. O discurso hiperbólico de D. Maria é de tal maneira eloqüente que obtém a melhor recepção por parte do pai que se dispõe, de imediato, a colaborar com o genro.

Um outro discurso relevante, igualmente apresentado por Vasco da Gama ao rei de Melinde, é o de Inês de Castro, suplicando a D. Afonso IV que lhe poupe a vida, pois não fez nenhum mal que justifique a sua morte. D. Inês de Castro era familiar de poderosos nobres que ameaçavam a independência de Portugal. O seu relacionamento amoroso com o príncipe herdeiro fazia perigar o reino, tanto mais que Inês e Pedro tinham filhos que poderiam ameaçar a subida ao trono do legítimo herdeiro, D. Fernando, filho de D. Constança. Os conselheiros do rei vão insistir na necessidade de sacrificar D. Inês, exigindo a sua morte com base em argumentos políticos. É impressionante a súplica de D. Inês perante D. Afonso IV, tentando demovê-lo dos seus mortíferos intuitos, e, apresentando como principal argumento os seus filhos, netos do rei, que ficariam órfãos e desamparados:

A estas criancinhas tem respeito,  
Pois o não tens à morte escura dela;  
Mova-te a piedade sua e minha,  
Pois te não move a culpa que não tinha. (canto III, est. 127, vv. 5-8).

Luís de Camões impregnou este seu episódio de um maravilhoso lirismo, personificando a própria natureza, que se compadece da morte de uma donzela tão bela.

Num estilo completamente diferente, mas igualmente em forma de analepse, Luís de Camões apresenta-nos o discurso de Nuno Álvares Pereira, que apela aos lusitanos no sentido de se organizarem no combate a Castela. Após a morte de D. Fernando, a coroa portuguesa estava ameaçada, pois a herdeira do trono, D. Beatriz, encontrava-se casada com o rei castelhano, e a sua mãe, D. Leonor Teles, defendia os interesses alheios a Portugal. Trata-se de um episódio que adquire grande relevância, porque antecede o relato da Ba-

talha de Aljubarrota que pôs termo à crise de 1383/85. Os portugueses sentiam-se desmotivados e não pretendiam fazer frente ao inimigo, porque D. Fernando assim os habituara, tal como refere Nuno Alvares Pereira:

Pois se, com seus descuidos ou pecados,  
Fernando em tal fraqueza assi vos pôs,  
Torne-vos vossas forças o Rei novo,  
Se é certo que c' o Rei se muda o povo. (canto IV, est. 17, vv. 5-8).

Através da força das suas palavras, o *Condestável* vai conseguir a mobilização de grande parte do povo que se convence da imperiodicidade de combater Castela, conservando a independência lusitana e elegendo como rei, D. João I, filho bastardo de D. Pedro.

Quase a terminar a sua narrativa ao soberano de Melinde, Vasco da Gama vai referir as dolorosas despedidas de Belém. No meio dos familiares e amigos dos marinheiros, surge o Velho do Restelo, personagem simbólica que representa a corrente que se opõe à expedição ao Oriente. Os argumentos utilizados vão no sentido da preservação da vida humana e da união da família. Para o Velho do Restelo esta viagem daria origem a muita dor, morte e semearia o adultério, fonte de desagregação do núcleo mais importante da sociedade. Esta figura considera que, com a partida dos homens mais valentes, Portugal ficaria mais desamparado e vulnerável às investidas do mouro do Norte de África que era necessário combater. Segundo António José Saraiva a posição do Velho do Restelo contraria as convicções humanistas manifestadas ao longo da epopéia camonianiana. (Cf. Saraiva, 1980: 146-150). Constata-se que a apologia da luta contra os mouros identifica-se com o ideal cavaleiresco que desvaloriza o comércio, e, por conseguinte, opõe-se a um dos principais objetivos da viagem.

Ao longo da narrativa surgem outros discursos que vão registar acontecimentos vindouros, como é o caso do Gigante Adamastor. Luís de Camões utiliza habilidosamente, em forma de profecia, as informações de que dispunha relativamente a acontecimentos que iriam ocorrer posteriormente. Os naufrágios sofridos por Bartolomeu Dias, D. Francisco de Almeida e Manuel de Sousa Sepúlveda são apresentados como sendo o futuro castigo, a suprema vingança do Gigante, face ao atrevimento dos portugueses em ousarem atravessar o seu território marítimo, até àquela época inexplorado:

Sabe que quantas naus esta viagem  
Que tu fazes, fizerem, de atrevidas,  
Inimiga terão esta paragem,  
Com ventos e tormentas desmedidas. (canto V, est. 43, vv. 1-4).

Sob a forma de vaticínio elogioso, destaca-se no final do poema a intervenção de Tétis na Ilha dos Amores, quando acompanha Vasco da Gama ao cimo de um monte. A deusa vai mostrar-lhe o Universo em miniatura, apontando os lugares nas várias partes do Mundo onde os portugueses se notabilizariam através dos seus feitos:

Até' qui, Portugueses, concedido  
Vos é saberdes os futuros feitos  
Que, pelo mar que já deixais sabido,  
Virão fazer barões de fortes peitos. (canto X, est. 142, vv. 1-4).

Para transmitir *epicidade* à sua mensagem, Luís de Camões recorre assiduamente à comparação baseado na Literatura da Antiguidade. Tal sucede, por exemplo, no episódio de Inês de Castro, quando o Poeta refere a orfandade dos filhos de Inês e compara a triste sorte desta mulher indefesa com o caso de Policena, que foi sacrificada por Neoptólemo por imposição de seu pai, Aquiles. (Cf. Escobedo, 2002: 253). Ainda neste episódio surgem outras comparações igualmente elucidativas da posição de Luís de Camões face às ocorrências narradas. É o caso da história dos irmãos Atreu e Tiestes, que o Poeta utilizou para condenar a indignidade do ato cometido contra uma frágil donzela. (Cf. Sêneca, 1996: 9). Fingindo fazer as pazes com o irmão, Atreu ofereceu a Tiestes um banquete em que lhe deu a comer os próprios filhos como vingança da ligação ilícita entre o seu irmão e a sua mulher. O crime foi tão execrável que o sol se recusou a testemunhá-lo, afastando os seus raios. Luís de Camões faz o paralelo entre este caso e o martírio de Inês, considerando os dois semelhantes a nível de atrocidades cometidas.

Neste episódio, apesar de se basear na verdade histórica, Luís de Camões também recorre à mitificação dos acontecimentos para sensibilizar o leitor. Na época Inês era considerada uma mulher manipuladora que utilizava o seu poder junto do príncipe, em benefício de interesses alheios à coroa portuguesa. (Cf. Teyssier, 1974: 569-571). Só posteriormente, quando desapareceram todas as pessoas que poderiam testemunhar o seu caráter, é que se procedeu à transformação da sua imagem. Para essa mudança muito contribuiu Luís de

Camões que referencia a Quinta das Lágrimas e a Fonte dos Amores, aliadas ao romance de Pedro e Inês, ornamentando o seu poema com detalhes românticos e cativantes. Ao desfigurar a realidade, o Poeta embeleza magnificamente o seu relato, apresentando, com um misto de veracidade e de lenda, uma das mais famosas e impressionantes histórias de Amor.

Consoante os episódios e respectivas personagens intervenientes, Luís de Camões vai conjugando a língua culta latinizante com a língua oral tradicional, enaltecendo, assim, a sua epopéia. Os variados recursos estilísticos utilizados amiudadamente no decurso d' *Os Lusíadas* elevam o Poeta à categoria de herói, nivelando-o ao Povo por ele retratado, tal como solicitara às ninfas do Tejo:

Dai-me igual canto aos feitos da famosa  
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda (canto I, est. 5, vv. 5-6).

Através de um estilo nobre, Luís de Camões perpetua, de um modo ímpar, o evento culminante do Renascimento português, os Descobrimentos, e, imortaliza um Poeta, um Povo e a sua História.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SARAIVA, António José (ed. e org.). *Os lusíadas de Luís de Camões*. Porto: Figueirinhas, 1979.

ESCOBEDO, J. C. *Enciclopedia de la mitología*. Barcelona: Editorial De Vecchi, 2002.

MACEDO, Helder. *Camões e a viagem iniciática*, Lisboa: Moraes, 1980.

MATOS, Albino de Almeida. *A mitologia em Camões vista através das perspectivas do poeta e da época*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1984.

SARAIVA, António José. *Luís de Camões*. Lisboa: Bertrand, 3ª ed., 1980.

SENA, Jorge de, *A estrutura de «Os lusíadas» e outros estudos camonianos e de poesia peninsular do séc. XVI*. Lisboa: Portugalíia, 1970.

SÉNECA. *Tiestes*. Trad. J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Verbo, 1996.

TEYSSIER, Paul. Le mythe d'Inès de Castro – La Reine Morte. **In:** *VII separata dos Arquivos do Centro Cultural Português*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1974.